



AS RELAÇÕES COOPERATIVAS NO ESPAÇO DE PRÁTICA DA GINÁSTICA PARA TODOS: DIÁLOGOS COM RICHARD SENNETT

Fernanda Raffi Menegaldo⁷⁶

fernandamenegaldo@hotmail.com

Marco Antonio Coelho Bortoleto

bortoleto@fef.unicamp.br

As práticas coletivas, isto é, atividades realizadas em grupos, em geral, são associadas a ideia da cooperação. Compartilhar o ambiente de trabalho, dividir um tempo de lazer ou inclusive realizar alguma prática corporal com outras pessoas, nos conduz para a ideia de que nesses espaços existem relações de cooperação entre os sujeitos que compõem esses grupos. Associar práticas coletivas a cooperação é legítimo e fundamental, mas ao colocarmos essa lente é necessário um olhar cuidadoso, que contemple a complexidade das relações cooperativas e permita compreender a natureza dessas relações mediante coletivos diferentes e suas especificidades. Entre as inúmeras e mais diversas práticas do corpo realizadas em grupo, destacamos para este estudo a Ginástica para Todos (GPT), prática corporal expressiva (MATEU; BORTOLETO, 2017), essencialmente não-competitiva, que se materializa principalmente por meio da construção e apresentação de composições coreográficas em festivais ginásticos (PATRÍCIO; CARBINATTO; BORTOLETO, 2016). Dessa forma, por tratar-se de uma prática coletiva, a GPT pode ser entendida como uma prática sociomotriz nos termos de Parlebas (2001), isto é, uma prática realizada em grupo, onde a cooperação e a comunicação são elementos fundamentais para uma prática eficiente. Assim, o objetivo deste estudo foi discutir, compreender e fundamentar as potencialidades cooperativas da prática da GPT, a partir da análise de sua lógica interna e, portanto, de suas características. Este estudo é de natureza teórica, reflexiva, podendo também ser entendido como um ensaio, e as reflexões indicadas acima tiveram como base obras do sociólogo Richard Sennett, em especial seu livro “Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação” (2012). Ao compreender a GPT como uma prática marcada pela diversidade, participação e heterogeneidade de seus praticantes, é importante ressaltar que, diferente das modalidades esportivas regidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), a GPT, embora organizada e difundida pela mesma instituição, possui uma característica que desconstrói muitos engendramentos da prática esportiva: essa prática não possui um código gestual, um conjunto de regras do corpo ou ainda um Código de Pontuação, como é comum nas práticas gímnicas esportivizadas. Esse fato viabiliza o surgimento de dinâmicas distintas dentro de seus grupos de prática, o que resulta também, em diferentes formas de desenvolver as relações cooperativas entre os praticantes. Ao associarmos, portanto, a GPT e suas particularidades as ideias de Sennett (2012), alguns pontos se sobressaem na discussão acerca das possibilidades cooperativas desta prática. Destacaremos três desses pontos neste texto, sendo o primeiro deles a ideia de cooperação como uma habilidade, isto é, algo que pode ser aprimorado com a prática. O ato de cooperar é, nessa perspectiva, uma ação de troca por meio da qual as pessoas que cooperam extraem benefícios dessa situação, cooperando para realizar aquilo que sozinhos não poderiam fazer. Para Sennett (2012), as relações cooperativas – também entendidas como relações dialógicas – exigem uma série de habilidades sociais, como saber ouvir, perceber e interpretar não apenas palavras, mas gestos e silêncios daquele que conosco coopera. Todos esses “exercícios sociais” são treináveis, segundo o autor, o

⁷⁶ Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp).



que resulta numa relação indissociável entre cooperação, experiência e tempo. Esses dois últimos elementos são importantes para o convívio coletivo e para a construção de relações sociais, estando também presentes no espaço de prática da GPT. Na medida em que a cooperação é assim entendida, o espaço de prática e convivência do grupo precisa fomentar práticas que estimulem essas habilidades e permitam que elas sejam treinadas, aprimoradas pelos integrantes do grupo. A construção, portanto, de um ambiente cooperativo é o segundo ponto interessante de diálogo com a GPT, e pode, para Sennett (2012), ocorrer em duas direções. As relações cooperativas podem se fazer presentes de cima para baixo – o que sugere que as relações serão impostas, em geral, visando especificamente o cumprimento de metas ou objetivos comuns – ou de baixo para cima – o que indica a ideia de construção do espaço cooperativo e de suas relações, modelo que demanda mais tempo e comprometimento por parte dos sujeitos envolvidos (Sennett, 2006). Nesse segundo modelo, a cooperação se instala por meio de relações horizontais, categoria que representa o terceiro ponto de diálogo entre a GPT e as contribuições de Sennett (2012). Grupos que priorizam as relações horizontais permitem um espaço onde torna-se possível e desejável que diferentes membros do grupo possam intervir, contribuir e questionar por meio dessas relações de troca, as decisões, propostas e ideias do grupo. São essas relações que potencializam o que entendemos como uma participação ativa dos sujeitos. Considerando todas essas reflexões e projetando na GPT a possibilidade de prática da ginástica de forma coletiva, voltada para a construção de relações humanas (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017), a construção de relações de cooperação e comunicação no interior dos grupos é um aspecto a ser desenvolvido com cuidado e de forma a aproveitar o potencial de relações presente em cada um desses coletivos. A exploração da cooperação para além da relação necessária para se atingir algo requer um esforço coletivo no sentido de permitir no espaço de prática dinâmicas democráticas e fomento do diálogo, o que distancia esse espaço dos modelos tradicionais de prática da ginástica presentes muitas vezes no contexto do treinamento voltado para a prática competitiva. Desenvolver e criar outras formas de funcionamento dos grupos que não seja as tradicionais hierarquias e relações verticalizadas exige tempo e, em concordância com Sennett (2006), é este mesmo tempo que permite a intensificação das relações de troca e, conseqüentemente, o aprimoramento do ato de cooperar, situação, como vimos, fundamental para a prática da GPT.

Palavras-chave: *Ginástica para Todos; Cooperação; Habilidades sociais; Coletivo.*

Referências

- GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.
- MATEU, Mercè; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Lá lógica interna del Circo: rasgos fundamentales. In: RIBAS, João Francisco Magno. **Praxiologia Motriz na América Latina: aportes para a didática na Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2017.
- PARLEBAS, Parlebas. **Léxico de Praxiologia Motriz juegos, deporte y sociedad**. Barcelona, Editorial Paidotribo, 2001.
- PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo), v. 30, n. 1, pp. 199-216, jan./mar. 2016.
- SENNETT, Richard. **Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2006.